

2.

IGREJA DE SÃO VICENTE DE SOUSA



	Rua da Igreja Sousa Felgueiras
	41° 20' 37.68" N 8° 14' 56.14" O
	918 116 488
	Qui. 20h30 Dom. 9h30
	São Vicente 22 janeiro
	Monumento Nacional 1977
	P. 25
	P. 25
	x

Uma visita à Igreja de São Vicente de Sousa é uma excelente oportunidade para entender como o românico português desenvolveu soluções muito originais. A escultura do portal ocidental é um rico testemunho dessa originalidade. Embora a sua escultura seja de temática vegetalista, não mostrando qualquer tema iconográfico, o cuidado arranjo do portal bem como a qualidade que a sua escultura patenteia, mostram bem o valor simbólico dos portais na época românica.

A maneira de solenizar os portais nem sempre correspondeu à execução de programas iconográficos de referente imagético, plasmando programas de temática religiosa, como os que encontramos na igreja de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim), na igreja de Rio Mau (Vila do Conde), na sé de Braga ou na igreja de Bravães (Ponte da Barca), entre outros exemplares.

Nas bacias do Sousa e do Baixo Tâmega é notória uma maior apetência por programas semelhantes aos da Igreja de Sousa. Contudo, a ausência de figuração não implica a ausência de significado. O cuidado na sua decoração, melhor será dizer no seu embelezamento, constitui por si só uma forma de simbolizar a entrada como Porta do Céu.

A Igreja de Sousa conserva duas inscrições da época românica de notável importância para o conhecimento da sua história. A inscrição comemorativa da dedicação da Igreja encontra-se gravada na face externa da parede da nave, à direita do portal norte do templo.

Assegura que a Igreja foi sagrada em 1214. A outra inscrição é ainda mais antiga, datando de 1162. Corresponde a uma inscrição funerária ou comemorativa da construção de um arcossólio, aberto na face exterior da parede sul da capela-mor.

A Igreja é constituída por planta longitudinal de nave única e capela-mor retangular (reconstruída na Época Moderna), apresentando uma torre sineira, erguida ao modo de um muro, adossada à fachada sul da capela-mor.

Na fachada principal, orientada a ocidente, abre-se o portal inserido em estrutura pétreo pentagonal e saliente à fachada, para que o pórtico possa ser mais profundo.

O portal é composto por quatro arquivoltas, em arco de volta perfeita, que assentam sobre três colunas com bases bolbiformes, de plinto decorado por entrelaços, fustes cilíndricos que alternam com fustes prismáticos - solução comum nesta região - capitéis e impostas ornados de motivos vegetalistas talhados em bisel, com a particularidade do capitel exterior do lado direito representar, na aresta, uma cara.

As fachadas laterais são rematadas superiormente por arquinhos sobre cachorros lisos, onde assenta a cornija, como no caso da Igreja de Airães (Felgueiras) (p. 47). Nos muros abrem-se dois vãos de iluminação, cujo perfil indica a sua abertura na Época Moderna.

O portal da fachada norte é constituído por duas arquivoltas e tímpano com a representação de uma cruz circundada por entrelaços. O da fachada sul é de estrutura simples e tímpano liso.



INSCRIÇÕES

A inscrição comemorativa da dedicação da Igreja regista:

E(ra) M CC 2 II PR[i]DIE KaLendaS SepTemBRIS DEDICATA FUIT / EC(c)LesiaM S(an)CT(i) VINCENCII M(arti)RIS A BRAC(r)ARE(n)SI ARCHI / EP (iscop)O DMNO STEPHANO DOMNO FERNANDO / REIMUNDI PRELATO ISTIus EC(c) L(esi)E EXISTENTE.

A cerimónia de dedicação da Igreja foi presidida pelo arcebispo de Braga, D. Estêvão Soares da Silva, que ocupou o cargo entre 1212 e 1228. A dedicação foi promovida pelo prelado da Igreja, D. Fernando Raimundo. O dia 31 de agosto de 1214 coincidiu com um domingo, como era canonicamente recomendado para a realização deste tipo de cerimónia.

A inscrição funerária apresenta: Era M^a CC^a +.

Estas duas inscrições permitem adiantar que a capela-mor foi a primeira parte da Igreja a ser erguida, o que se coaduna com o habitual ritmo construtivo da época românica. De facto, pelo que é permitido saber acerca da forma de construir nesta época - apesar da ausência de documentação sobre o estaleiro românico em Portugal - a obra era começada pela construção da cabeceira a que se seguia a edificação da fachada ocidental, sendo os muros da nave lançados posteriormente.

Certamente que este processo não corresponde a uma regra, mas a análise das paredes e alguma documentação são indícios da realidade deste processo construtivo. Era também habitual que a cabeceira da igreja fosse sagrada assim que estava concluída, permitindo a celebração do culto enquanto se construía as restantes parcelas.

A inscrição do arcosólio, que assegura que no terceiro quartel do século XII já se encontrava erguida a cabeceira românica, é um dado importante para o conhecimento da história da Igreja de Sousa. Na Época Moderna, esta parcela da Igreja foi remodelada, assim como o arco triunfal que a separa da nave, tendo restado unicamente o embasamento escalonado da época românica.





Na fachada sul, a meia altura do muro, corre um lacrimal sobre mísulas, elementos que atestam a presença de um alpendre de uma água ou a existência de um claustro. Como era habitual nas construções medievais, os claustros situavam-se, por norma, do lado sul, porque é o lado do sol, mais quente, organizando-se à sua volta os outros aposentos monásticos, como a casa do capítulo, o refeitório e o dormitório, entre outros elementos.

A existência de alpendres da banda do sul era também muito frequente, pelas mesmas razões, e por motivações de índole simbólica, já que a banda do norte, na qual se adossam alpendres, galilés ou capelas, era destinada aos rituais funerários e à tumulação, por ser o lado sombrio, da noite e da morte. É, por esta razão, que se coloca escultura de motivação apotropaica, ou seja, que tem a intenção e o poder de afastar o que é negativo, mais frequentemente nos portais setentrionais.

Aí são esculpido animais que aparentam ferocidade como cães, leões ou serpentes, animais híbridos e fantásticos, como grifos e harpias, ou simplesmente cruces rodeadas de entrelaços ou, ainda, estrelas de cinco pontas, nós de Salomão e outros signos semelhantes. No entanto, este tipo

de escultura não é exclusivo dos portais situados a norte, como nos mostra a cruz rodeada de entrelaço do tímpano do portal sul da Igreja de Sousa. Ele é, simplesmente, mais frequente naqueles casos.

A torre sineira, adossada ao lado sul, apesar de ser rematada com elementos posteriores, poderá corresponder, na sua estrutura, à torre sineira medieval. É de notar que na sua base se abre um portal datável da Idade Média, indicando a relação entre a Igreja, a torre e a construção que estava adossada à parede sul do templo.

Da Época Moderna data o conjunto de talha e pintura barrocas, no interior da Igreja, juntamente com uma série de elementos arquitetónicos dos séculos XVII e XVIII. O programa pictórico presente nos 30 painéis do teto representa um ciclo dedicado ao orago da Igreja - São Vicente -, num conjunto de 30 cenas sobre a vida e os milagres daquele santo.

A campanha de requalificação da Igreja de Sousa teve início na década de 80 do século XX. Os trabalhos de conservação e requalificação realizados na Igreja estiveram a cargo da paróquia, tendo sido supervisionados pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.